

“Criatividade, Desafios e Conquistas”
O protagonismo cultural e a comunicação como possibilidades para jovens moradores da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro

Aline Rochedo¹

Resumo: A arte juvenil da Baixada Fluminense, ainda que em parte anônima por não desfrutar de um espaço legítimo, foge da logística de um mercado que invadiu os espaços culturais no Rio de Janeiro, instigando uma resistência cultural autêntica. Permanecem pouco explorados os aspectos cotidianos da juventude oriunda das periferias dos grandes centros urbanos e seu protagonismo na esfera cultural. A proposta consiste em apresentar novas percepções sobre a História do Tempo Presente, tendo como objetivo a produção cultural de jovens moradores da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Aceitando o desafio traçar um caminho de comunicação colaborativa entre os grupos juvenis da Baixada Fluminense, podemos contrapor percepções infundadas, pois localizaremos a produção cultural urbana como representante de uma voz expressiva, com urgência de representatividade e divulgação de suas atividades. Acompanhei alguns grupos culturais fomentados pela ação direta da juventude. Entrevistei os jovens envolvidos e trouxe para esta comunicação suas experiências. A proposta é apresentar diferentes caminhos, ferramentas de comunicação e gestão de políticas públicas no campo da cultura e juventude na Baixada Fluminense. Fazê-los conhecidos é questão primordial para que os grupos existentes sobrevivam e estimulem mais iniciativas juvenis e culturais.

Palavras-chaves: Juventude, Cultura, Baixada Fluminense.

Introdução

Nos últimos anos, percebe-se que os estudos sobre juventudes têm conquistado espaço em pesquisas realizadas por psicólogos, antropólogos, educadores, sociólogos e historiadores, dentre outros profissionais. No entanto, permanecem pouco explorados os aspectos cotidianos da juventude oriunda das periferias dos grandes centros urbanos, em especial na América Latina, e seu protagonismo na esfera cultural (ROCHEDO, 2013). A proposta desta comunicação consiste em apresentar novas percepções sobre a realidade cultural contemporânea, tendo como objetivo a produção cultural de jovens moradores da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

A situação social influencia a ação cultural e prevê como uma atividade pode atuar

¹ Historiadora e poetisa. Doutoranda em História Cultural pela UFRRJ com a pesquisa “Afrodite se quiser”- O protagonismo das mulheres no rock brasileiro. Mestre em História Social pela UFF, com a defesa da dissertação “Os filhos da revolução” - a juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC) da UFF. Analisa os gêneros musicais de origem negra no continente americano, com ênfase no rock como música brasileira, no âmbito da cultura, política, economia e sociedade. Possui experiência na produção de textos jornalísticos e editoração de mídia alternativa na área da cultura. Organiza projetos sobre a juventude contemporânea e sua relação com periódicos. Autora do livro Derrubando Reis A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980, Multifoco, 2014. Coautora do livro Visões do Mundo Contemporâneo, São Paulo, 2013 e do livro Não foi tempo perdido os anos 80 em debate. Editora UFF, 2014 . Atua nas áreas de História, Cultura e Comunicação. Contato: alinerochedo@outlook.com

sobre as pessoas e tornar-se uma experiência mais abrangente. Assim, a cultura periférica é o canal de voz e a referência para os que estão no seu entorno. Em muitos casos, os teóricos elegem como modelo básico as culturas que eles mesmos decidiram definir como clássicas ou eruditas. E ainda lembremos que há um forte apelo midiático que desconsidera as experiências na esfera da cultura popular, até estas se tornarem um meio rentável. Faz-se necessário que o tema de relação entre Juventude e Cultura represente uma preocupação específica no âmbito da historiografia.

III-A Baixada Fluminense e suas Juventudes

A palavra “juventude” remete à mudança, flexibilidade, inquietude, transição. A concepção generalizada do termo refere-se a um período de vida, uma faixa etária ao qual se completa o desenvolvimento físico, psicológico e social do indivíduo que posteriormente ingressará na vida adulta (ROCHEDO, 2011). Porém, a noção de juventude e a função dos grupos etários são historicamente variáveis: modifica-se de sociedade para sociedade e numa mesma sociedade, via suas divisões internas e a maneira peculiar a qual a definimos e atribuímos significado.

Quando falamos em “juventudes”, conceito desenvolvido por Bourdieu, faz-se necessário considerar a época e a conjuntura social ao qual está inserida (BOURDIEU, 1983). Nas sociedades modernas, as gerações mais jovens são elevadas em valor social, em outras sociedades, onde o ritmo de mudança não se faz tão acelerado, os mais velhos ainda são fonte da experiência e do saber com quem os mais jovens devem aprender (CAVALCANTE, 1987). Desta forma, a juventude atuará e oferecerá sua contribuição, ou simplesmente estará à margem da sociedade em questão.

Para Alan Alves, jovem articulador cultural da Baixada Fluminense, a realidade de um morador da Baixada Fluminense começa quando este afirma ser próprio dela, como representante de uma região com diferenciais a serem conhecidos:

Quando se assume “ser da Baixada” é trazer a vontade acima de qualquer pensamento negativo. O próprio conceito de morar na região leste do seu estado é diferenciado quando esta região se faz vista como baixada, menor, pequena em relação às outras regiões. O jovem que sobreleva tal conceito e desenvolve sua arte, acumula a responsabilidade de representar seu local com a confiança daquele que vive o cotidiano e sabe das marcas, boas ruins, de seu gueto. Detentor desta vontade, sua expressão é diferenciada pela verdade própria que carrega. (Entrevista realizada por Aline Rochedo em 25 de abril de 2014).

Embora a região esteja construindo uma trajetória de desenvolvimento econômico, as mudanças ainda não foram suficientes para reverter o quadro de desigualdades presentes. Estas afetam com mais notoriedade o segmento mais expressivo em número da região, o jovem. Como sujeito social específico, suas experiências, questões e formulações particulares são dadas pela condição ao qual sua atuação tem ressonância com seu entorno. Assim, as perspectivas em relação ao protagonismo juvenil estão ligadas ao contexto social.

Em uma sociedade primitiva, por exemplo, em que o prestígio cabe à esfera dos cidadãos adultos e em que as forças revitalizantes da juventude não se integram em um movimento, esta permanecerá como uma reserva latente (BOURDIEU, 1983). Afinal, nem sempre se pensou o jovem e a ele se atribuiu o peso social como nas sociedades contemporâneas, que confiam no caráter mobilizador da juventude, a qual se espera que o indivíduo ofereça sua contribuição. No caso da Baixada Fluminense, uma região também relativamente jovem, a proposta de destacar e valorizar o caráter articulador de suas juventudes na esfera cultural é uma atitude diferenciada em relação a outras iniciativas que veremos no decorrer desta comunicação.

A Baixada Fluminense² concentra atualmente um grande quantitativo de população jovem. A partir dos dados analisados, um número superior de 1 milhão de habitantes, cerca de $\frac{1}{3}$ de sua população, possuem entre 15 e 29 anos, registrando a importância econômica e social que este segmento etário possui na região (Instituto de Pesquisas e Análises Históricas da Baixada Fluminense www.ipahb.com.br). Segundo o quadro de percentual da população sobre grupos de idade, a distribuição da população por faixa etária na Baixada Fluminense demonstra uma proporção de jovens e crianças maior também que a observada no estado e no município do Rio de Janeiro. A população da Baixada, entre 0 e 19 anos de idade, representa 38% e este mesmo grupo etário representa 31,2% na capital. Esta característica etária observada reforça a necessidade de políticas públicas para a juventude da região.

II- Políticas Públicas para Juventude

²A região já foi conhecida como antiga "Baixada da Guanabara", que englobava de Itaguaí ao entorno da Baía de Guanabara. Sabe-se que os municípios da Baixada Fluminense desfrutaram de um desenvolvimento mais significativo a partir do ciclo de mineração no Brasil, no século XVIII, quando do ouro de Minas Gerais era transferido para o Rio de Janeiro. No século XIX, foi uma das primeiras regiões de plantio do café dentre outros produtos. Após a criação da Estrada de Ferro Dom Pedro II (1858) atual linha central do Brasil, transferiu as rotas tradicionais pelos caminhos na região, possibilitando o surgimento de novas vilas e povoados que formaram as principais cidades da Baixada Fluminense.

As políticas públicas para juventude no cenário brasileiro ganharam espaço há pouco tempo. Com a implantação da Política Nacional de Juventude (PNJ) a partir de 2005, foi possível registrar dados importantes sobre a juventude brasileira como as condições econômicas, escolaridade e incentivo à criação de mecanismos de participação social. O Brasil foi o primeiro país da América Latina a instituir um Conselho específico para a Juventude (Conjuve). Apesar dessas conquistas:

(...)o Brasil ainda precisa dar respostas a problemas não totalmente solucionados, como o desemprego juvenil. Combater o desemprego e assegurar o trabalho decente para os jovens é um dos desafios da agenda governamental. Nessa mesma pauta, incluímos o compromisso com a educação de qualidade, a saúde integral, o acesso à cultura, esporte e lazer, tempo livre e o direito à participação, além de um item que requer atenção ainda mais especial por parte do poder público, que é o enfrentamento à violência contra a juventude, em especial, contra os jovens negros, as principais vítimas da violência no país. (Severine Carmem Macedo-secretária nacional de Juventude. Secretaria Geral da Presidência da República. Apud. <http://www.juventude.gov.br/guia>. Visitado em 25 de junho de 2014)

Diante do quadro apresentado pela pesquisa, o objetivo se consolidou em buscar soluções para os problemas juvenis e propor ações que estimulem o jovem no debate da pauta nacional em destaque aos meios de inseri-los no mercado de trabalho. Nesse contexto, a PNJ, que está sob a coordenação da Secretaria Nacional de Juventude, consolida-se como uma ação intersetorial, que combina um conjunto de políticas estruturantes com programas específicos, desenvolvido por diversos ministérios.

Na época, o grupo de trabalho utilizou dados da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) de 2007, segundo a qual o Brasil possuía 4,5 milhões de brasileiros entre 18 e 29 anos, que estavam fora da escola e do mercado de trabalho. Além disso, essa faixa etária é justamente a que concentra os piores índices de desemprego, evasão escolar, falta de formação profissional, mortes por homicídio e envolvimento com drogas. (Severine Carmem Macedo-secretária nacional de Juventude. Secretaria Geral da Presidência da República. Apud: <http://www.juventude.gov.br/guia>. Visitado em 25 de junho de 2014)

Sobre investimentos na área de Cultura e Juventudes, estes ainda são mínimos. Há registro do Programa Cultura Viva³ que viabiliza os recursos para instalação dos pontos de

³O projeto objetiva a formação do “agente cultura viva” sendo esta uma das principais estratégias do Programa. O intuito é formar os jovens para que atuem como multiplicadores nos Pontos de Cultura estimulando ações que promovam a geração de emprego e renda na própria comunidade. Cada Ponto de Cultura conta com o apoio de quatro agentes que recebem o auxílio financeiro de R\$ 380,00 durante 12 meses.

cultura apoiando a aquisição de material multimídia e a realização das iniciativas culturais voltadas à população de baixa renda, em especial jovens de 17 a 29 anos. O objetivo desde programa é fortalecer as manifestações culturais e a produção audiovisual nas comunidades e escolas, priorizando as áreas de maior vulnerabilidade social. No entanto, o acesso ao programa ocorre mediante convênio do Ministério da Cultura com os governos estaduais e municipais por meio de edital público. Levando em consideração que a formulação de projetos requer uma série de conhecimentos e metodologias específicas, tal fato pode inibir a participação de quem não tenha experiência em elaborar e redigir uma proposta.

Ainda há outro problema a ser superado pelos protagonistas de cultura da região: existem poucas opções para os moradores. Nos dados registrados, das 223 bibliotecas existentes no estado do Rio de Janeiro, apenas 11 estão localizadas na Baixada, ou seja, “a região reúne apenas 5% das bibliotecas, embora concentre 24% da população residente no estado” (FARIAS, 2005).

	Quantidade Bibliotecas	Quantidade Cinemas	Quantidade Museus	Quantidade teatros
Estado do Rio de Janeiro	223	184	124	177
Capital	77	125	77	104
Baixada Fluminense	11	17	3	13
Belford Roxo	0	0	0	0
Duque de Caxias	2	5	1	3
Guapimirim	0	0	1	0
Itaguaí	1	0	0	1
Japeri	0	0	0	0
Magé	2	0	0	2
Nilópolis	1	0	1	1
Nova Iguaçu*	1	4	0	3
Paracambi	1	1	0	0
Queimados	1	0	0	0
São João de Meriti	1	6	0	2
Seropédica	1	1	0	1

Fonte: Anuário estatístico 2003 * Os dados de mesquita foram computados em Nova Iguaçu

Constata-se que o número de teatros, cinemas, museus também é insatisfatório, representam apenas 9,2% dos cinemas, 2,4% dos museus e 7,3 dos teatros encontrados em todo estado. Por conta desta carência na esfera dos espaços culturais, o cenário da Baixada se faz através das articulações de seus moradores e por isso torna-se tão importante apoiá-los. Segundo Carolina Bittencourt, historiadora que participou como agente de pesquisa no mapeamento cultural⁴ proposto pelo Brasil Próximo, os investimentos em cultura na região são mínimos se comparados aos do município do Rio de Janeiro “inclusive as próprias secretárias de culturas são um segmento da secretária de Educação. Em alguns municípios da Baixada, como Itaguaí, não há nem um espaço físico para a secretária de cultura, quanto mais um maior investimento”, comenta Carolina (Entrevista realizada por Aline Rochedo em 25 de

⁴ O mapeamento cultural ocorreu entre os anos de 2012 e 2013 e objetivou registrar e catalogar as atividades culturais da região. A atividade de censo entre os grupos culturais foi realizada por jovens da região que foram capacitados por meio de cursos e oficinas. Para tal, receberam ajuda de custo e passagem para deslocarem-se de entre os municípios da Baixada Fluminense. Uma das culminâncias do projeto será a publicação de um livro com os dados coletados.

abril de 2014).

Ainda em relação precariedade de investimentos direcionados especificamente para ações juvenis, Priscila Sued, jovem articuladora do grupo Estação Cultural B.F, destaca que os jovens da Baixada Fluminense envolvidos com ações culturais estão articulados e engajados nos problemas que afligem seus locais de moradia, sendo assim:

Muitos jovens transferem suas angústias para sua arte, utilizando-a como ferramenta política para mudança do sistema, ainda é extremamente difícil conseguir apoio de instâncias como governo, empresas privadas e até mesmo da academia (universidades). A região da Baixada Fluminense sofre um descaso histórico e creio que o caminho ainda é longo e árduo para mudar todos esses anos de negligência que paira na região. (Priscilla Sued, Entrevista realizada por Aline Rochedo em 1 de maio de 2014).

Mesmo diante do cenário desanimador, os grupos existem e persistem em suas atividades culturais. Para Aline Martins, ex- moradora da Baixada Fluminense, professora de História no CIEP 016 - Abílio Henriques Correia, em São João de Meriti, quando os jovens estão engajados na esfera cultural produzem coisas lindas e participam ativamente da construção e crescimento do seu espaço: “vivem intensamente o seu lugar e sua história”. (Aline Martins. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 24 de abril de 2014)

2.1 Entre conflitos e superação

A violência, a pobreza, o grau de instrução mínimo, a deficiência do sistema escolar e a pouca opção de lazer, são combinações desfavoráveis para que o protagonismo juvenil seja estimulado. Como os jovens da periferia das grandes capitais, grande parte dos jovens da Baixada estão em situação marginalizada, no sentido de não se sentirem como parte atuante de um espaço social.

A fim de apresentar um panorama mais detalhado sobre tais questões, visitei algumas escolas⁵ do Ensino Médio, (alunos entre 15 e 19 anos) e entrevistei professores para apresentar a leitura de como alguns destes jovens são compreendidos por quem atua diretamente com eles. Conversei com cerca de dez professores. Da mesma forma, entrevistei jovens que protagonizam grupos culturais e participaram do projeto do Brasil Próximo a fim de contrastar e apresentar os olhares “sobre o jovem” e o “olhar sobre si” do próprio jovem.

Pesquisas realizadas na área da economia apontam a importância da escolaridade para

⁵ Colégio Estadual Dr. Ignácio Bezerra de Menezes do município de Duque de Caxias e o CIEP 016 - Abílio Henriques Correia, em São João de Meriti.

a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Assim, o nível de escolaridade no Brasil, em média de 6,4 anos, é considerado baixo em relação a outros países da América Latina (PONTILI, 2004). Neste cenário, ficaria difícil para a realidade juvenil a elaboração de projeto para concorrer a editais, como o já citado Programa Cultura Viva e outros similares.

A escassez econômica é um dado prejudicial ao desenvolvimento escolar e ainda realidade de grande parte da população brasileira. E a Baixada Fluminense reflete muito tal realidade. Para a professora de Filosofia, aqui representada pelas iniciais M.L a pobreza é um fator que também se expressa pela falta de perspectivas:

A pobreza aqui é enorme. O problema é que os jovens não sabem lidar. Em geral, sentem vergonha e camuflam o sofrimento em um aparelho de celular novo e caro. Muitos ficam tristes quando liberados mais cedo da escola, não pela falta de aula, mas por perder o almoço. Possuir o Ensino Médio concluído já o faz vitorioso. (Professora de Filosofia M.L.I -Colégio Estadual Dr. Ignácio Bezerra de Menezes do município de Duque de Caxias Entrevista realizada por Aline Rochedo em 08 de abril de 2014).

Segundo os professores entrevistados, dificilmente seus alunos mencionam a intenção de ingressar em uma universidade e a maioria relata que consideram agressiva a insistência do professor nesse ponto: “o maior problema do professor é que o aluno não possui o mínimo para estudar, nem no aspecto material e nem no emocional” (Colégio Estadual Dr. Ignácio Bezerra de Menezes do município de Duque de Caxias Entrevista realizada por Aline Rochedo em 08 de abril de 2014). Para os professores entrevistados, a falta de investimentos na educação é um dos grandes responsáveis pela descrença do jovem no sistema, o que fatalmente leva ao envolvimento com atividades ilícitas:

Existe uma falta de interesse dos alunos, gerada pela falta de participação da família e pela falta de perspectiva. Sobretudo com aqueles alunos que já completaram maior idade. A “cultura do desinteresse” pelos estudos parece ser passada de pai para filhos. Infelizmente tendem a se envolver com atividades ilícitas e com a violência. Poucos são os alunos que ao enxergarem uma dificuldade a transformam em degraus para um objetivo maior. A escola tende a suprir essa lacuna, entretanto sinto que o trabalho da escola, sozinha não tem o efeito desejado. (Vanessa Abreu, professora de História-Colégio Estadual Dr. Ignácio Bezerra de Menezes do município de Duque de Caxias. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 08 de abril de 2014).

Para a professora Aline Martins, são poucos os jovens que chegam à universidade pública e os que chegam, o conseguem com muitas deficiências na formação: “Geralmente o que se vê são pessoas que até terminam o Ensino Médio, porém com muitas defasagens e

grande parte que se preocupa em obter um emprego melhor, acaba por optar por cursos técnicos e que possam encaminhar ao mercado de trabalho”. (Entrevista com Aline Martins, por Aline Rochedo em 24 de abril de 2014).

A professora Vanessa Abreu, enfatiza que apesar dos níveis de pobreza econômica que possam afetar diretamente o processo de aprendizagem e o acesso à cultura, os meios para a valorização da ação juvenil são imprescindíveis, pois “a percepção de que existe uma plataforma de comunicação ligada à realidade dos jovens da Baixada e ao que estes produzem na área de cultura, é extremamente válido no sentido de ampliar os horizontes desta e outras juventudes” (Vanessa Abreu. Professora de História no Colégio Estadual Dr. Ignácio Bezerra de Menezes do município de Duque de Caxias. Realizada por Aline Rochedo em 08 de abril de 2014).

Faz-se importante manter uma comunicação entre os jovens que já estão inseridos na esfera cultural, encorajando-os e dando-lhes suporte teórico para gerir meios de manutenção de seus grupos. Aline Martins, ao falar sobre o protagonismo juvenil na área de cultura na Baixada, sinaliza que “tem diminuído sensivelmente, talvez fruto de uma série de problemas que estamos presenciando atualmente: educação de baixa qualidade, o aumento da violência, a falta de expectativas, a falta de contato, interesse e perpetuação da cultura” (Entrevista com Aline Martins, por Aline Rochedo em 24 de abril de 2014). Segundo Priscilla Sued, jovem articuladora do grupo Estação Cultural B.F, a falta de participação da Juventude se relacionada diretamente ao sistema educacional:

Fazendo um breve aprofundamento sobre o problema que enfrentamos, nosso sistema educacional não estimula o pensamento crítico, só pra começar. Então, como exigir do jovem que ele tome posicionamento ou que consiga defender seus interesses diante de um poder que determina diretrizes que interfere diretamente no modo de vida dessa juventude? (Priscilla Sued. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 1 de maio de 2014).

Na perspectiva deste artigo, que se faz em elucidar o valor da comunicação como uma ação transformadora, a proposta de Paulo Freire tem ressonância, pois tem como premissa o diálogo, na perspectiva de que todos têm direito à voz e se educam mutuamente. (FREIRE, 1977). Este diálogo promove uma reflexão que pode conduzir qualquer indivíduo a um nível crítico elevado que gera uma ação, neste caso a construção de uma plataforma de comunicação e colaboração, oportunizando uma rede de divulgação de suas produções culturais. O fato a ser enfatizado também é que a maioria dos jovens envolvidos com projetos culturais ingressa nas universidades e atua efetivamente nas questões sociais e políticas de seu

entorno, pois “a cultura cria perspectivas” (Alan Alves. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 25 de abril de 2014).

III- A ação cultural e a comunicação como caminhos

Durante muito tempo, por conta de informações divulgadas pela grande mídia, em especial a televisão, a Baixada Fluminense foi sendo consolidada no imaginário das pessoas como uma região violenta e precária. Tal construção imagética começou a se modificar através das atividades culturais e do esforço dos moradores da região.

Para os jovens da Baixada Fluminense, a dinâmica cultural é de suma importância. Sendo um desafio insistir em cultura, revelam ser quase impossível ter o sustento por meio dela:

poucos grupos que se sustentam através da arte, sei que é um caminho árduo: batalhando editais, desenrolando com prefeituras, “assediando” as empresas, etc., etc., nossos artistas praticamente colhem migalhas destes investimentos. Na grande maioria, exibem/realizações suas produções, de forma independente – a “burrocracia” prende quem poderia investir em arte. (Alan Alves. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 25 de abril de 2014).

A cultura não pode estar fora da esfera da luta, da diversidade cultural. Para Bruno França, do grupo “Surgiu na Hora”⁶,

a falta de uma política pública, que não sejam apenas pelos editais que ajudem os grupos manterem suas pesquisas, a pouca verba destinada pelas leis de culturas são as nossas maiores dificuldades. Mas ainda é possível sobreviver de sua arte em crescimento contínuo, conhecendo grupos, fazendo intercâmbio com outros artistas para a classe artística se unir cada vez mais. (Bruno França. Ator e Palhaço. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 30 de julho de 2014)

Mesmo sendo rica em artistas e produtores de cultura, a região sofre com a falta de veiculação dessa produção local e de patrocínio, e também com a dificuldade de acesso aos bens culturais que trafegam com mais desenvoltura nos grandes centros urbanos, como o fotógrafo Igor comenta:

Sempre andei pelo Rio (Capital) e moro na Baixada desde quando nasci, mas vejo que os moradores do Rio tem um tabu com a Baixada. Muitos não conseguem incluir a Baixada em seu circuito cultural, só se isso se tornar muito prático, o que é diferente para quem mora na Baixada e vai para o Rio.

⁶ Surgiu na Hora é um grupo da Baixada Fluminense, fundado em 26 de setembro de 2011, tem como vertente o circo-teatro, enfatizando a “palhaçaria”. Detentor de um estilo teatral inovador o qual, mistura o clássico palco italiano com a lógica fantástica dos palhaços.

Vamos sempre, até mesmo diariamente, mesmo com todas as dificuldades. (Igor Freitas. Fotógrafo morador da Baixada Fluminense Entrevista realizada por Aline Rochedo em 9 de abril de 2014).

Segundo Ana Lucia Enne, professora do curso de Estudos de Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uff, pesquisadora da Baixada Fluminense, se analisarmos em termos quantitativos, sem dúvida houve um crescimento de ações institucionais no campo da cultura na Baixada Fluminense: “a partir de nosso levantamento, ainda em construção, foi possível mapear pelo menos 60 instituições, especialmente ONGs, que atuam na região promovendo cursos, oficinas e atividades, entre outras possibilidades, em termos culturais” (ENNE,2009). Embora o aumento de ações institucionais seja um dado, este não significou maior presença dos jovens à frente dessas iniciativas.

Nesta perspectiva, o Programa Brasil próximo desenvolveu uma metodologia diferenciada. A iniciativa tem auxiliado significativamente a ação da juventude na Baixada tendo por finalidade apoiar a promoção da democracia participativa e as políticas sociais no território. Segundo Vittorio Chimienti, coordenador da CISp-Brasil⁷, o projeto pretende facilitar a participação e valorizar o protagonismo dos jovens na construção das políticas públicas adequada aos seus interesses, necessidades e aspirações.(Vittorio Chimienti, coordenador Cisp Brasil. Depoimento registrado por Aline Rochedo durante o seminário “Trilhas”, 27 de abril de 2014)

Priscila Sued defende que o acesso da comunidade local às informações referentes ao seu próprio território de forma bilateral e colaborativa, possibilitará que: “ as diversas visões sobre a mesma região sejam publicadas, garantindo a diversidade e favorecendo o estímulo à visão crítica dos leitores” (Priscila Sued. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 1 de maio de 2014).

Para Silvia Cristina, produtora cultural umas das jovens que atua no programa Brasil Próximo, a Baixada necessita de ações que valorizem o seu território como multiplicação dos seus equipamentos culturais, incentivos aos grupos e “maior divulgação das ações para além do território e o reconhecimento sobre a existência desses grupos de protagonismo jovem”. Ainda segundo Silvia, a cena cultural Baixada possui um perfil variado, complexo e com um complicador de sua evolução, a política local:

⁷ A iniciativa está alicerçada na cooperação descentralizada entre cinco regiões italianas, Secretaria da Presidência da República, Secretaria Nacional da Juventude do Estado do Rio de Janeiro, Municípios da Baixada Fluminense, Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas- IBASE, Se Essa Rua Fosse Minha e a ong italiana Cisp.

Apesar de não possuir equipamentos culturais que atendam as demandas de cada município, a cultura acontece e acontece muito, seja no quintal de casa, na rua, no bar ou na praça. Os “outsiders” dizem que a cultura que é feita na Baixada não é uma cultura profissional, talvez constatada pela carência de espaços e visibilidade. Ouvi isso algumas vezes quando iniciei a minha carreira de produtora no centro do Rio e na Zona Sul e como não conhecia a cultura do meu próprio território, só me restava silenciar e não confrontar. (Silvia Cristina. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 8 de abril de 2014)

Mesmo com toda a dificuldade, a criatividade é marca dos grupos culturais e juvenis da localidade. Para Alan Alves, a cultura é a possibilidade de conectar o eu-próprio com a realidade, valorizando aquilo que o jovem tem de particular e inovador. A cultura cria perspectivas e promove a autoestima e a participação ativa na esfera social mesmo que em um primeiro momento, o jovem não tenha ciência da dimensão de sua ação:

Este jovem começa algum tipo de projeto, desenvolve alguma ideia e termina por realizá-la, sem entender que o protagonismo está sendo desenvolvido em cada movimento citado; em meio ao movimento, se vê articulado, mas sem compreender seus atos políticos em torno desta atuação. Há bastante protagonismo juvenil na Baixada Fluminense, porém, o protagonista, se acha coadjuvante. (Alan Alves. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 25 de abril de 2014)

Para a pesquisadora Ana Lúcia Enne, ao eleger como foco ações em torno de práticas midiáticas, estaremos participando de um importante deslocamento da luta política em torno de uma onipresente cultura das mídias, que precisa ser ocupada e desafiada, em um processo contra hegemônico:

Desse modo, sem dúvida, trata-se de outra forma de movimento social, que se deslocou dos paradigmas anteriores rumo a outras táticas e estratégias, nas quais o dizer tem importância fundamental e se apropriar dos meios de expressão e comunicação se revela prioritário. (ENNE, 2012)

Os jovens contemporâneos vivem num momento globalizado, no qual, paradoxalmente, a integração proposta os direciona a um afastamento do convívio social. Segundo Regina Novais, (NOVAIS, 2004) nunca houve tanta integração globalizada e ao mesmo tempo, nunca foram tão agudos os processos de exclusão e profundos os sentimentos de desconexão. Desta forma, a realização da revista online e impressa, valoriza as ações juvenis concretas no âmbito da cultura.

IV- Sistematização da ideia da revista:

Pensando em contemplar as atividades, redigi o projeto de uma Plataforma Colaborativa intitulada, “Desenrolo” *A Revista de Cultura e Juventude da Baixada Fluminense*, mídia de articulação e comunicação contínua entre grupos criativos, gestores públicos e demais interessados, com ênfase na cultura e juventude.

As expressões culturais juvenis por meio de uma plataforma colaborativa, uma revista online, contemplará a circulação de informações sobre as atividades dos grupos juvenis e culturais da Baixada Fluminense e as peculiaridades existentes na região.

A perspectiva de propiciar encontros semanais está alicerçada na proposta de trazer para o jovem articulador cultural da Baixada Fluminense a possibilidade do “fazer coletivo” por meio da comunicação. O processo de construção da Revista propiciará o contato espontâneo para em média 22 jovens que representarão seus grupos. E o registro de suas experiências será divulgado a outros jovens da região no decorrer do processo. Trata-se de um material altamente identitário, composto por matérias que expõe as atividades culturais e conteúdos que convidam os leitores conhecerem o universo da juventude em questão:

A proposta de uma revista será a comunicação direta e específica que estes jovens farão entre eles podendo disparar outras ideias. Este canal dará a chance de se sentir ativo e produtor em sua região onde se desconhece muitas vertentes do seu local. (Alan Alves. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 25 de abril de 2014)

A revista ainda propiciará através de cursos, oficinas e seminários o conhecimento sobre as políticas públicas para juventude e norteamento sobre elaboração de editais por meio de encontros semanais ou quinzenais. Tais encontros, as reuniões de pauta, que podem ser lidos como "oficinas", ajudarão a manter contato com os jovens num plano presencial. A proposta estabelece um relacionamento de identidade recíproco compartilhando as experiências desta parcela de juventude.

V-Considerações

Viver de Cultura e arte sempre foi um desafio. Ainda mais para quem reside nas zonas periféricas dos centros urbanos. Estimular a articulação dos atores juvenis torna-se de uma ação indispensável para que estejam cientes sobre o poder mobilizador que possuem, reconhecendo e apropriando-se dos seus direitos. A falta de apoio às iniciativas dos jovens

dificulta a promoção destes como cidadãos atuantes. As escolas, em sua maioria, continuam reproduzindo currículos e programas tradicionais, apoiando-se em livros didáticos e outros recursos inadequados às realidades culturais desses jovens. E ainda há o agravante de pouco investimento na área de educação e cultura. Desta forma, propor um espaço Midiático de diálogo está em ressonância com a articulação juvenil e sua valorização.

O jovem, como investigador de suas próprias práticas, engajado nos desafios colocados pela condição social é uma realidade possível. Por meio das ações culturais, novos sentidos são dados aos assuntos que perpassam suas realidades. Faz-se necessário a consolidação de um espaço de trocas e de dinamização das atividades culturais na região. E por isso, a revista *Desenrolô* torna-se uma possibilidade e também uma conquista.

Fontes

Entrevistas:*Jovens articuladores culturais da Baixada Fluminense. Faixa etária entre 19 e 29 anos.*Professores do Ensino Médio em escolas da Baixada Fluminense: Idade entre 27 e 35 anos.

1-Alan Alves, jovem protagonista. Sócio/ produtor do NAMARRA PRODUÇÕES (audiovisual) / BASÍLIO – O RETORNO (longa-metragem) / ROCK NO BF (produção de eventos). Realizada por Aline Rochedo em 25 de abril de 2014.

2-Aline Martins, historiadora e ex-moradora da Baixada Fluminense, professora de História no CIEP 016 - Abílio Henriques Correia, em São João de Meriti. Realizada por Aline Rochedo em 24 de abril de 2014.

3-Carolina Bittencourt. Historiadora e agente de pesquisa do programa Brasil Próximo-Observatório Baixado. Realizada por Aline Rochedo em 25 de abril de 2014.

4-Priscila Sued, jovem articuladora do grupo Estação Cultural B.F. Realizada por Aline Rochedo em 1 de maio de 2014.

5-Professora de Filosofia M.L.I – Colégio Estadual Dr. Ignácio Bezerra de Menezes do município de Duque de Caxias. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 08 de abril de 2014.

6-Silvia Cristina. Produtora Cultural da Baixada Fluminense. Realizada por Aline Rochedo em 8 de abril de 2014.

7-Vanessa Abreu. Professora de História no Colégio Estadual Dr. Ignácio Bezerra de Menezes do município de Duque de Caxias. Realizada por Aline Rochedo em 08 de abril de 2014.

8- Bruno França. Ator e Palhaço. Entrevista realizada por Aline Rochedo em 30 de julho de 2014

Consulta a meios eletrônicos:

1- <http://www.juventude.gov.br/guia>. Visitado em 25 de abril de 2014.

2-Secretaria Geral da Presidência da República. Fonte: <http://www.juventude.gov.br/guia>. Visitado em 25 de abril de 2014.

3- <http://www.juventude.gov.br/guia/outrosprogramas/programa-cultura-viva>. Em 26 de maio de 2014

4- Severine Carmem Macedo- Secretária Nacional de Juventude Secretaria Geral da Presidência da República. Apud. <http://www.juventude.gov.br/guia>. Visitado em 25 de junho de 2014.

Referências

ABRAMO, Helena e Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar. 2005.

BRYAN, Guilherme. **Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80**. Rio de Janeiro, Record, 2004.

CACCIA-BAYA, Augusto, PÂMPOIS, Carles e CANGAS, Yanko. **O lugar dos jovens na história brasileira. Jovens na América Latina**. São Paulo: escritura, 2004.

CARDOSO, Ruth e SAMPAIO, Helena. **Bibliografia sobre juventude**. São Paulo: EDUSP, 1995.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia**. São Paulo: Senac, 2001.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. “O mito da Rebeldia da Juventude, uma abordagem sociológica” In: **Educação em debate**. Fort, 13(1): jan/jun, 1987. Pp. 11-23

ENNE. Ana Lúcia. “Práticas de comunicação entre jovens de baixa renda da Baixada Fluminense: uma etnografia de novas formas de resistência e re-existência”. In: **REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL**, Buenos Aires, 2009.

_____. Em “Busca de dias melhores”: Cultura e Política Como Práticas Institucionais na Baixada Fluminense. In Revista Rumores. edição 12 | ano 6 | número 2 | julho-dezembro 2012

FARIAS, Luís Otávio. **Diagnóstico das condições socioeconômicas e da gestão pública dos municípios da Baixada Fluminense**. MDS, Brasília, 2005.disponível em: http://www.planalto.gov.br/sri/CooperacaoInternacional/Docs_CoopItaliana/BaixadaF_PSoci ais.pdf, acessado em 14 de agosto de 2014.

FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FORACCHI, M.A. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Editora Pioneira, 1980.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 10 ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GALPERI, Silvia; JELIN, Elizabeth; KAUFMAN, Susana. “Jóvenes y mundo público”, In: **Revista del Instituto de Investigaciones de la facultad de Psicología**, Universidad de Buenos Aires, año 3, No. 1, Buenos Aires, 1988.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

GOFFMAN, Erving. 1980. “A Elaboração da Face”. In: S. Figueira (org.), **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JELIN, Elizabeth e SEMPOL, Diego (comps). **El pasado en el futuro: los movimientos juveniles**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

LARAIA, Roque. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (orgs). **História dos Jovens. A época contemporânea**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MANNHEIN, Karl. “O problema sociológico das gerações” In: FORACCHI, M. M. (Org.). *Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX: O Espírito do Tempo**. Necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)** 2ºed. São Paulo: Contexto, 2004.

NOVAIS, Regina. “Juventude, conflito e sociedade”. In: **Comunicações do ISER**, nº 50, ano 17, 1998.

PASSERINI, Luisa. “A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950.” In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (orgs). **História dos Jovens. A época contemporânea**. São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp.. 319-382

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In **Estudos Históricos**, nº 10, Rio de Janeiro, CPDOC, 1992.

ROCHEDO, Aline. “História e juventudes no século XX”, IN. MAYNARD. Dilton,(org). **Visões do Mundo Contemporâneo**. Editora L.P Books. São Paulo. 2013

ROCHEDO, Aline do Carmo. “**Os filhos da Revolução**” **A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980**. Rio de Janeiro. 2011, p.156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós Graduação em História Social, Rio de Janeiro. <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1525.pdf>

URRESTI, Marcelo. “Paradigmas de participación juvenil: un balance Histórico”. In: BALARDINI, S. (org). **La participación social y políticas de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo**. CLACSO -Grupo de Trabajo -Juventud, 200. pp. 177-205

VELHO, Gilberto. “Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade”. In ALMEIDA, M e EUGENIO, F.(Orgs). **Culturas jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. “*Memória, identidade e projeto*”. In: Projeto e metamorfose. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.